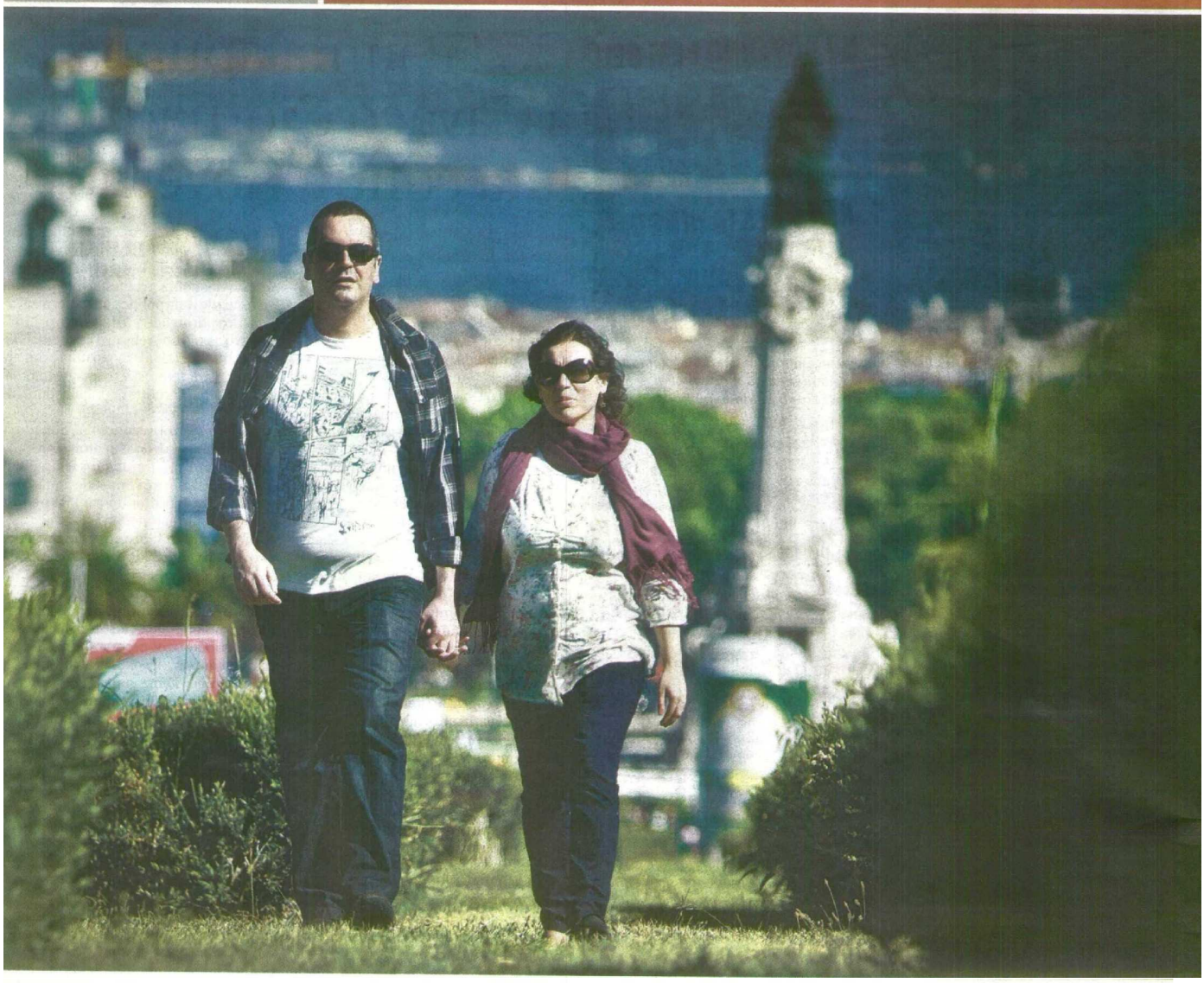
manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Sociedade
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 3181
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
26-05-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 4 a 7



Os prós e as contas de ter um bebé...

Opções. *Na canção de Simone de Oliveira, 'quem faz um filho fá-lo por gosto', e decerto esse será sempre o primeiro motivo para quem pondera o assunto. Mas num momento em que todas as perspetivas económicas e de mobilidade social estão no negro e com a natalidade do País a pique, o DN quis saber os prós e os contras da decisão. Dois casais já com bebé a caminho e dois que sonham com isso contam-nos as suas contas...*

FERNANDA CÂNCIO
Jornalista

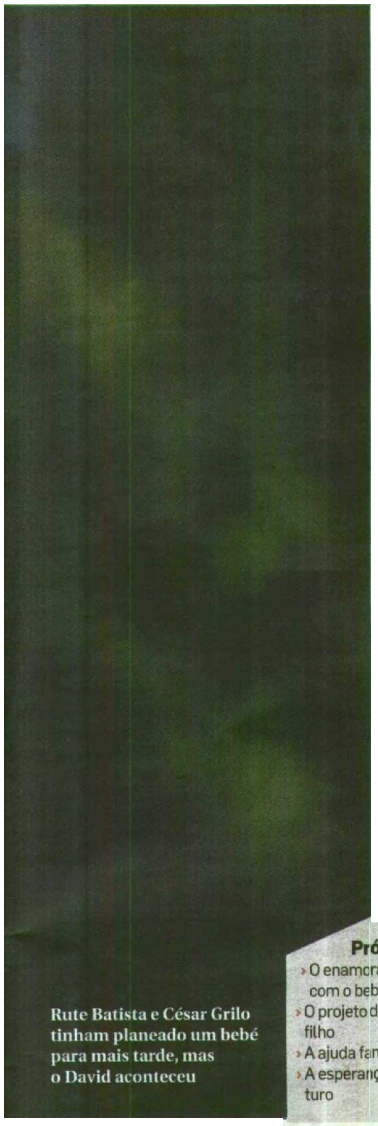
Quem faz um filho fá-lo porquê?

Na canção de Simone de Oliveira, a resposta era "por gosto", e decerto esse será sempre o primeiro motivo para quem pondera o assunto. Mas num momento em que todas as perspetivas económicas e de mobilidade social estão no negro e com a natalidade do País a pique, o DN quis saber os prós e os contras da decisão. Dois casais já com o primeiro bebé a caminho e dois que sonham com o segundo filho contam-nos as suas contas.

"Não é como se dissesse: temos aqui uma folga no orçamento, vamos ter um filho." Não funciona assim, diz Ricardo Carvalho, 36 anos. Aliás, a ganhar "abaixo de 1000 euros líquidos", o mesmo que a mulher, Paula Fernandes, da mesma idade, e já com um filho de cinco, certifica de que precisam de ser "muito orientados com as despesas": "Criámos o João Rafael com ajudas de todo o lado. Usou roupa emprestada de colegas da minha mulher, esteve num infantário da Santa Casa

manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Sociedade
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 3181
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
26-05-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 4 a 7



Rute Batista e César Grilo tinham planeado um bebé para mais tarde, mas o David aconteceu

Prós
- O enamoramento com o bebé
- O projeto de ter um filho
- A ajuda familiar
- A esperança no futuro

RUTE E CÉSAR

Contras
- Ter de trocar de carro e fazer obras em casa
- O preço da creche em que gostaríamos de pôr o David
- A insegurança económica e a ameaça sobre os funcionários públicos
- O estado do mundo
- Os desafios de educar uma criança hoje
- A grande mudança nas nossas vidas
- Não poder dormir até tarde

da Misericórdia, lado a lado com miúdos desfavorecidos, e agora está no pré-escolar público. Não temos mais empréstimos a não ser o da casa. E não recebendo ajuda monetária da família temos uma fantástica, que é o facto de os meus pais terem uma terra na região centro, concelho de Tábua, e nos mandarem legumes, azeite, ovos. Faz muita diferença, em última análise representa metade do orçamento de alimentação, só compramos carne e peixe. Quanto a tempos livres... Gostamos muito de viajar, ir a um restaurante uma vez por semana, de 15 em 15 dias – são coisas que continuamos a fazer mas tendo em conta 'o ajustamento' [ri]. Uso a Net para pesquisar as melhores ofertas de viagem e com os restaurantes temos muito mais cuidado."

Contas feitas, consideram "ter margem para um segundo filho nos próximos dois anos", já que os preocupa a idade: "Hoje em dia há pais e mães para além dos 40, mas se fosse antes era melhor." Uma urgência que, de resto, Ricardo tinha mesmo quando desempregado – "Nos quatro meses em que estive pela primeira vez sem emprego achei que devíamos ter um filho" – e que é mais dele do que de Paula. "Ela procura ter as condições ideais. Por exemplo, a nossa casa só tem dois quartos e ela gostava de ter um para cada miúdo. A nossa vendia-se bem, mas comprar outra nesta altura é muito complicado, os bancos estão com *spreads* loucos. Portanto, o mais certo é os miúdos terem de partilhar o quarto."

Ricardo trabalha há um ano numa empresa que faz projetos para candidaturas a fundos comunitários; Paula, com quem casou em 2007, é, com o 12.º ano, coordenadora na Vodafone e está "efetiva" desde 1998. Já ele ficou sem emprego duas vezes desde que entrou no mercado de trabalho, em 2000, após o curso de Direito. Têm uma casa em Marvila comprada "a uma cooperativa de habitação a um preço simpático" pela qual, com os juros baixos do momento, pagam 250 euros/mês, um carro e uma moto (pela qual ele trocou o carro que tinha, para poder levar e trazer o filho ao infantário, que ficava "do outro lado da cidade"). E se abalançam a ter o segundo filho tencionam ficar por aí. Até porque, em termos de organização social, sentem que há muito pouco apoio à parentalidade. "Estamos a quilómetros de distância das melhores práticas europeias. Quando tive o João Rafael, tenho a ideia de que os pais só tinham direito a 15 dias de licença, a lei ainda não tinha esta coisa de encorajar a divisão da licença com a mãe para ter mais um mês de subsídio por inteiro. E entretanto baixaram o valor do subsídio, e cortaram o abono de família. Há países da Europa em que os pais podem estar três anos com os filhos, e claro que acho que isso tem reflexos ao nível da natalidade. Como o facto de as grandes empresas não terem infantário. É uma coisa que me faz uma confusão enorme." Como lhe faz confusão que os horários dos infantários e das escolas "estejam tão completamente desadequados": "Só posso dizer bem do infantário onde o meu filho esteve, não podia ser tratado melhor. Mas tem uma coisa má: a creche fecha às seis da tarde. Nos primeiros meses a mãe ou o pai ainda pode sair um pouco mais cedo do trabalho, mas para conseguir chegar a horas tive de vender o meu carro e comprar uma moto para atravessar a cidade em hora de ponta." Quanto ao pré-escolar, mais um óbice: "Acaba às 15.30. Depois tem uma componente de apoio à família que é paga à parte. Nós, com os nossos salários, pagamos o máximo – 90 euros, 40 para alimentação e o resto para o ATL. E depois, claro, a escola pública acaba em junho. É suposto fazermos o quê aos miúdos? Ainda há um mês e tal de ATL mas em agosto não há nada de nada. Como não podemos tirar 30 dias seguidos de férias, e mesmo que pudéssemos provavelmente não quereríamos, temos de arranjar uma solução."

Luísa Ferreira e Elisabete esperam as gémeas Joana e Diana para julho

FOTOS ORLANDO ALMEIDA/GLOBAL IMAGENS

Prós
- Vontade grande de ter filhos
- Por razões biológicas (relacionadas com idade ideal para tratamentos de fertilidade) avançar já
- Alargar a família

ELISABETE E LUÍSA

Contras
- Preocupação face à situação económica do País (não é um contra, é mais uma preocupação)
- Desemprego da Luísa

De soluções sabem Elisabete e Luísa, Ferreira de apelido comum desde que casaram, há dois anos. Elisabete, 26 anos, está grávida de gémeas (já têm nome, Joana e Diana, aprazadas que estão para julho) por via de uma inseminação efetuada numa clínica espanhola, usando um óvulo de Luísa, "para que elas tivessem um pouco de cada uma e também pela questão legal [refere-se à ainda existente impossibilidade da coadoção para casais do mesmo sexo], porque são mesmo filhas das duas". Desde sempre quiseram ter filhos e consideraram esta "a altura certa, até por causa da idade". Elisabete tinha mais uns anos mas Luísa não, e o propósito inicial era engravidarem as duas. "Mas como vamos ter gémeas se calhar esse projeto tem de ser repensado, por causa das questões económicas, até porque, no nosso caso, temos de recorrer a técnicas de inseminação e sai muito mais caro", diz Elisabete, que adianta terem feito dois tratamentos, cada um a 5500 euros, e pedido para isso um empréstimo. Enfermeira, entrou recentemente para o quadro no hospital onde trabalha, ganhando pouco mais de mil euros. Luísa, que tem uma licenciatura em Economia, está a estudar gestão e produção de cozinha. "Vivemos do que eu ganho, e chega, pelo menos para já", explica Elisabete. "Mas temos ajuda da família." Quando começaram a fazer os tratamentos para engravidar alugaram uma casa maior, para terem mais um quarto. Ri: "Afinal são duas, vão ter de o partilhar." Como vai ser quando nascerem e a licença de parentalidade acabar ainda não está decidido. "Depende de a Luísa arranjar emprego ou não. Se não arranjar fica a tomar conta delas. Se arranjar, já temos uma senhora que trabalha para a família há muito tempo e vive perto de nós [na margem Sul de Lisboa] que se ocupará delas. Fizemos as contas e como são duas sai mais barato do que pô-las num infantário." A única discordância até agora é sobre a escola propriamente dita. "A Luísa é do Porto e lá acho que as pessoas desde que possam põem os filhos em escolas privadas. Acho que nós cá em Lisboa temos mais a tendência para a escola pública. Mas neste momento tendo em conta a situação económica acho que vai ter de ser mesma o público." Em todo o caso, até que Joana e Diana tenham idade para a escola, uns aninhos vão passar. O que vai ser preciso já é fazer face às despesas normais com um bebé, aqui a multiplicar por duas. "Tenho três irmãos e três sobrinhos, portanto muita coisa já nos deram. A banheirinha, muita roupa, essas coisas... O carrinho é que vamos ter mesmo de comprar porque ninguém que conheçamos teve gémeos. Mas como é caríssimo vamos procurar em segunda mão." O apoio familiar não se restringe ao empréstimo de coisas para bebé e a ajuda financeira. A mãe de Luísa foi à Assembleia da República como parte de uma delegação da Amplos (Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual) que se encontrou com Assunção Esteves e com os grupos parlamentares na véspera do debate da coadoção e a de Elisabete, obstetra, acompanhou a filha e a nora nas idas à clínica onde levaram a cabo a inseminação. O receio da discriminação não terá, aliás, pesado na decisão de avançar com a gravidez. "Claro que sabemos que a sociedade não está ainda no ponto em que gostaríamos que estivesse. Mas achamos que está a evoluir e a forma como elas serão afetadas por isso tem que ver com a maneira como as educarmos. As crianças são discriminadas por mil coisas, o importante é conseguirmos dar-lhes autoestima ▸

manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Sociedade
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 3181
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
26-05-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 4 a 7

para lidarem com isso." No emprego, diz, nunca teve problemas, apesar de saber que há quem "não concorde": "Não que mo tenham dito diretamente, houve quem nos contasse. Mas a maioria das pessoas reagiu bem, mesmo a nível da chefia."

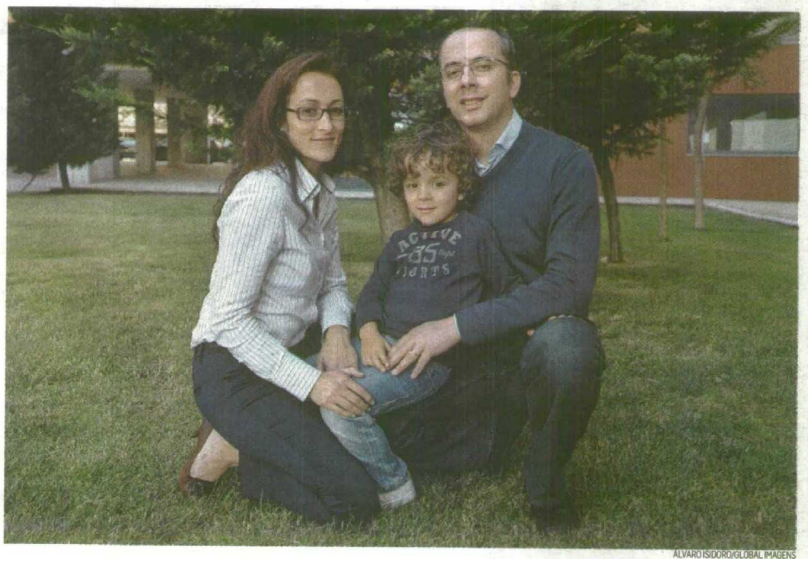
Ana Oliveira e o marido Filipe Ferreira, ambos com 39 anos e casados vai fazer 11, têm em comum com Elisabete e Luísa o facto de precisarem de recorrer a ajuda técnica para terem bebés. Já com uma menina de cinco anos, a Inês – que por acaso veio "naturalmente", sem o recurso a procriação assistida –, anseiam dar-lhe um irmão (Ana gostava mesmo que fosse um rapaz) mas o elevado custo dos tratamentos é um contra. São os dois engenheiros: ela sócia-gerente de uma empresa de consultoria financeira e técnica na área dos transportes, na qual já teve de fazer mudanças devido à situação do mercado, ele diretor de produção numa empresa de geotecnia e fundações especiais, um cargo que implica ausências mais ou menos prolongadas, muitas vezes no estrangeiro. Com uma casa espaçosa em Telheiras e a situação laboral de Filipe segura – "Apesar da crise não se está a dar mal, porque a empresa dele internacionalizou-se, já a minha está a aguentar-se, não posso garantir que daqui a um ano vou conseguir mantê-la" –, a filha num infantário privado e sem grandes sufocos, consideram ter boas condições económicas para um segundo filho. Mas há outros receios. "Um segundo pequenino vem outra vez revolucionar tudo", diz Ana. "E a principal preocupação que tenho hoje em dia é que recaia tudo sobre mim. Até por causa de o Filipe ter de estar fora muito frequentemente, é normal não dormir em casa pelo menos duas noites. Quem tem mais flexibilidade, até por a empresa ser minha, sou eu, mas acaba por ser muito cansativo." Aquando do nascimento de Inês, foi Ana que gozou a licença, Filipe nem os 15 dias iniciais tirou. "No mercado de trabalho noto ainda muito a diferenciação negativa em relação à mulher neste aspeto da maternidade. Dá-se o ridículo de nas entrevistas de emprego perguntarem às mulheres se tencionam engravidar. E muito poucos homens utilizam a licença. Conheço um que o fez e ouvi comentários horríveis, do género: 'Olha este está-se a aproveitar para tirar umas férias.'" Ana suspira. "E há uma pressão social enorme sobre as mulheres no sentido de as culpabilizar no seu papel de mães, que não existe com os pais. Toda a gente acha normal um homem não se ocupar dos filhos, não os levar ao médico, não os ir buscar à escola, não ficar em casa quando estão doentes. Já as mulheres... E também não sei a que ponto as próprias mulheres não desajudam. Contra mim falo. Assumo um bocado o papel do burro de carga e acho que me sentiria culpada se o não fizesse." O decréscimo da natalidade em Portugal, que a impressiona muito ("Eu e o Filipe falamos disso, também é uma preocupação nossa"), pode estar, reconhece, também relacionado com esse peso que é quase exclusivamente assente nas mulheres que, num dos países europeus com maior taxa de trabalho feminino, talvez estejam a fartar-se de serem os proverbiais "burros de carga".

Até porque nem tudo é bom na chegada de um bebé. "O não dormir é horrível. E depois tratar de um bebé torna-se uma coisa muito repetitiva. Confesso que a certa altura estava desejosa de trabalhar, até voltei ao trabalho antes do fim dos quatro meses." Quanto ao que se gasta "com aquele ser minúsculo", acha que ela e Filipe aprenderam a conter os impulsos de pais estreantes. "Gastam-se mundos e fundos nos primeiros tempos, sobretudo no primeiro filho. Não só porque há um grande investimento inicial com carrinhos e coisas assim – tenho imensa coisa emprestada ,agora tenho de lembrar-me a quem – mas também porque há aquele entusiasmo de comprar coisas só porque são giras, sem ter a no-

Prós
- Reviver a experiência de ser Mãe/Pai
- Cumprir o objetivo de ter dois filhos
- A possibilidade de os irmãos terem o que partilhar

PAULA E RICARDO

Contras
- Mais despesas
- A incerteza do futuro deles
- Provavelmente teremos de mudar de casa



Paula Fernandes e Ricardo Carvalho querem dar um irmão a João Rafael, de cinco anos

ÁLVARO ISIDORO/GLOBAL IMAGENS

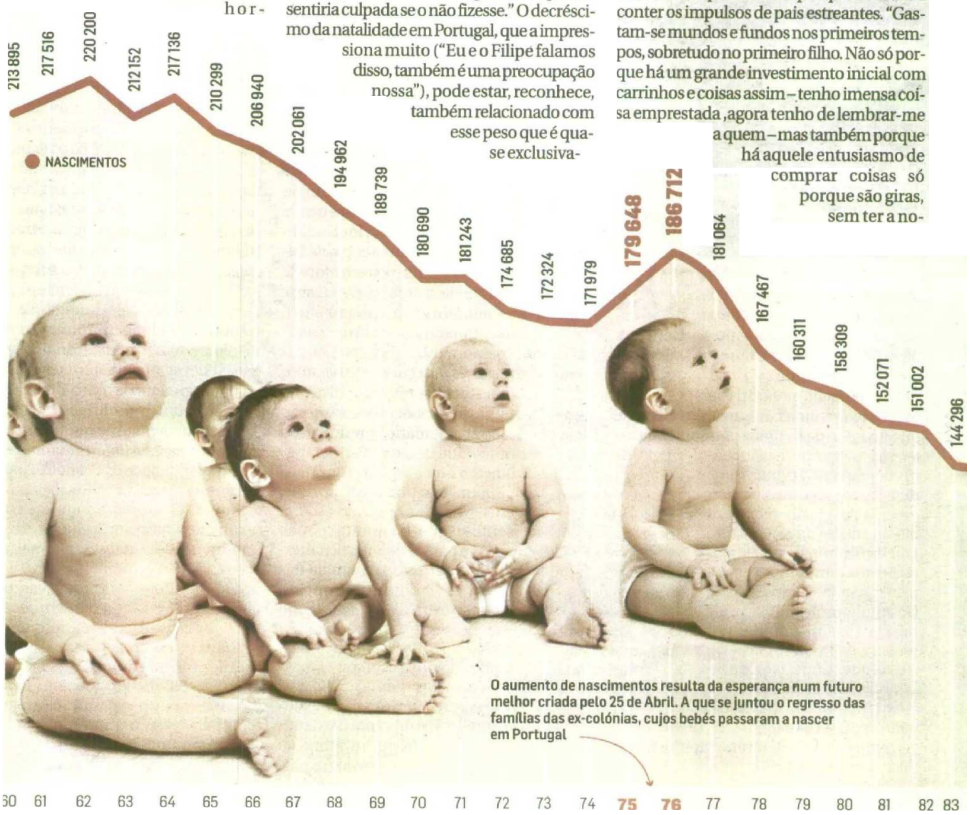
A cair desde 1962, natalidade não chega para renovar gerações

Desde meados dos anos 60 do século passado que todos os anos nascem menos bebés do que no ano anterior, com algumas exceções, como os dois anos a seguir ao 25 de Abril e a segunda metade da década de 90. Uma queda que fez que passássemos de 220 mil nascimentos em 1962, para 90 mil no ano passado. Consequências: Portugal tem hoje um índice de fecundidade que ronda os 1,35 filhos por mulher, quando o necessário para a renovação de gerações é 2,1. Desde 1982 que cada geração que nasce é mais pequena do que a anterior.

A descida é fruto de mudanças sociais, que são muito visíveis: as mulheres começaram a casar cada vez mais tarde e a adiar o nascimento do primeiro filho. Em 1962, em média, as mulheres eram mães pela primeira vez aos 25 anos, agora são por volta dos 30. E adiar a maternidade gera famílias mais pequenas. No entanto, os especialistas em demografia previam para o final da década passada uma recuperação que tarda em acontecer. Ou seja, para as mulheres que querem ser mães chega uma altura em que não podem adiar mais e os especialistas esperavam encontrar essa evidência nos números, o que ainda não aconteceu.

Juntando a baixa da natalidade com o aumento da esperança de vida – a boa notícia demográfica dos últimos anos – temos uma população mais envelhecida. Enquanto em 1960 existiam 27,3 idosos (com mais de 65 anos) para cada 100 crianças e adolescentes, essa proporção inverteu-se e hoje já há 127,8 idosos para 100 jovens.

PATRÍCIA JESUS



O aumento de nascimentos resulta da esperança num futuro melhor criada pelo 25 de Abril. A que se juntou o regresso das famílias das ex-colónias, cujos bebés passaram a nascer em Portugal

manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Sociedade
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 3181
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
26-05-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 4 a 7

ção de que em 15 dias vão deixar de servir. Uma coisa mais barata serve muito bem. A roupa de bebé é aliás a coisa mais disparatada em que gastar dinheiro. Até andava aí com uma ideia de um negócio, o de alguém que inventasse roupa que evoluísse com a criança." Mas, tudo somado, as saudades – muitas – de ter um bebé desfazem todas as dúvidas e reservas. "Os primeiros sorrisos, os primeiros passos que dão... É maravilhoso."

César Grilo nunca teve um, mas concorda: "O grande pró é o ficar apaixonado, completamente. Tenho a noção de que quando ele nascer vou ficar a babar, derretido." Com 36 anos, é funcionário público (assistente técnico) há 11 e está a tirar Estudos Artísticos, depois de ter frequentado o curso de Cinema; a namorada (é assim que lhe chama) Rute Batista, de 30, é licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais e está como técnica superior num ministério há quatro – e de cinco meses. A gravidez "aconteceu" (vivem juntos há dois anos e era um projeto para daqui a uns tempos) mas acolheram-na com alegria, apesar de não se considerarem no "momento certo": primeiro foram os cortes nos salários, agora é o aumento de impostos e a ameaça de mais cortes e até de despedimentos. Um panorama assustador e "muito confuso" a acolher a chegada de David ("Já lhe chamamos assim"), para a qual vão ter de fazer obras no T2 que partilham e comprar um carro maior. "É uma grande transformação na nossa vida, mete um bocado de medo", confessa César. "Por exemplo, temos o hábito de dormir até tarde ao fim de semana, somos os dois dorminhocos, vai custar um bocado. Acho que é uma questão de hábito, porém – que remédio. E o pior é ao princípio, com aquela coisa de mamar de três em três horas. Toda a esperança está depositada em mim, porque a minha mãe diz que eu era um bebé tranquilíssimo." Certo é que a investigação que César anda a fazer na Torre do Tombo sobre um tio-avô antifascista com ficha na PIDE e o hábito de Rute de dar passeios pela Baixa à saída do trabalho "para espairecer" terão de dar lugar ao império de David, como as viagens que tanto gostavam de planear e as saídas de vez em quando. "Quando a gente se conheceu ainda dava para fazer alguma coisa. Fomos aos EUA o ano passado, tivemos essa felicidade. Mas a crise económica já nos estava a empurrar. Ir ao café e comer um bolo é quase um luxo", lamenta César, secundado por Rute: "A própria expressão de grande mudança na vida é um pouco assustadora." Admitindo ter "os receios normais em relação a um bebé – "O que ele quer quando chora, por exemplo, não vem com um manual de instruções" –, Rute diz que a conjuntura económica pesou muito na decisão de avançar com a gravidez. "Avancei mais por causa da família, porque temos muito apoio, mesmo económico se for preciso. Se não fosse assim não sei se avançaria. A questão de trocar de carro, por exemplo. Provavelmente terão de ser os meus pais a ajudar." A creche é outra dor de cabeça. "Neste momento temos rendimentos que são demasiado elevados – por incrível que pareça, com o César a ganhar 800 e poucos euros e eu mil e cem – para pôr o David numa creche pública mas a privada é caríssima. Temos uma aqui perto, em Benfica, onde andou a família toda do César, que depende dos rendimentos mas mesmo a nós fica à volta de 400 euros, é um balúrdio. E há todas as outras despesas com a criança, que sei que são muitas. E também convém comermos, não é?" Ri. "Tinha pensado ter um filho entre os 30 e os 35. O ideal era termos uma casa maior, mais estabilidade, mais fôlego financeiro, ter aquela poupança para preparar as coisas. Mas é um bocado uma ilusão, se calhar nunca há condições ideais. E esta questão da crise... Tento não pensar muito nisso, porque iria ficar maluca. Até porque se pensar muito não haveria razão para ter um filho. Da maneira como está o mundo, os desafios da educação... Os miúdos são muito diferentes do que era a minha geração. Mas por outro lado talvez os miúdos não precisem tanto de tanta coisa. E posso sempre ter um filho que seja primeiro-ministro e altere o mundo, não é?"

PAULO SPRANGER/RTP/DRAI IMAGENS

Ana Oliveira, com uma filha de cinco anos, quer voltar a ver os primeiros sorrisos de um bebé

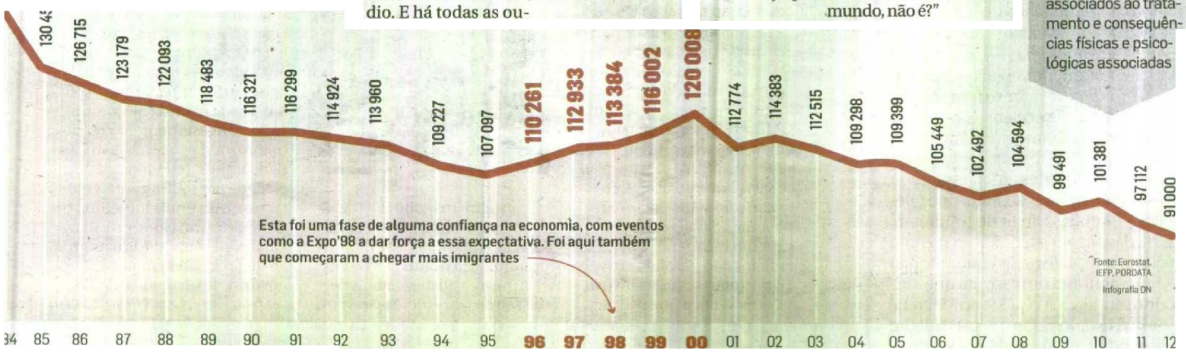
ANA OLIVEIRA

Prós

- Desejo de aumentar a família
- Satisfazer o desejo da Inês de ter pelo menos mais 1 irmão
- Replicar o nosso projeto de educação atual noutro filho
- Necessidade de dar um alento novo à vida, um sinal de esperança no futuro
- Contribuir para o aumento da taxa de natalidade do País

Contras

- Encargos associados a mais um filho e a possibilidade de não conseguirmos dar-lhe o que proporcionámos à primeira e/ou de prejudicarmos o futuro dela
- Alteração da dinâmica da família (impacto na nossa filha, nas rotinas, nos horários e na nossa disponibilidade pessoal e profissional)
- Receios de "sobrecarga" sobre a Ana
- Incerteza no futuro profissional
- A conjuntura económico-financeira do País, da Europa e, no limite, do mundo
- Receio de estar a replicar um projeto de educação que corre o risco de não estar nem ajustado às necessidades atuais nem à realidade futura
- No que toca à infertilidade, encargos associados ao tratamento e consequências físicas e psicológicas associadas



INCENTIVOS

5000€
PAMPILHOSA DA SERRA
› Câmara dá vales de 5000 euros para descontar no comércio local aos casais do concelho que tenham o terceiro filho. Aos casais que tenham o primeiro ou segundo filho é dado um vale de 1500 euros.

75€
OLIVEIRA DO HOSPITAL
› Autarquia oferece um vale mensal de 75 euros desde a nascença da criança até aos três anos. Cheque-brinde só pode ser utilizado no comércio local e sempre em produtos necessários para as crianças.

500€
CAMINHA
› Programa apoia de forma diferenciada a natalidade. Crianças nascidas no Litoral recebem 500 euros, no Interior 750. O incentivo é atribuído a todas as crianças nascidas ou adotadas entre 1 de janeiro de 2011 e 31 de dezembro de 2013.

500€
SANTA CRUZ DA GRACIOSA
› Cada criança registada no concelho recebe 500 euros nos agregados familiares com o 1.º escalão do abono família; 400 euros para o 2.º escalão; 300 euros no 3.º escalão e 200 euros no 4.º escalão.

1000€
PÓVOA DE LANHOSO
› Autarquia decidiu atribuir em 2013 um vale de mil euros, que tem de ser obrigatoriamente gasto no comércio local, na aquisição de produtos para o recém-nascido.